

## **O ENIGMA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NA FRANÇA: RECEPÇÃO, VISIBILIDADE E LEGITIMAÇÃO**

Agnes Rissardo (PACC/UFRJ/Capes)

**RESUMO:** Pouco difundidas no exterior até cinco anos atrás, as obras ficcionais de nossos autores contemporâneos vêm ganhando espaço no mercado editorial internacional. Com o crescente número de obras traduzidas e publicadas por editoras estrangeiras, a presença dos próprios autores em grandes eventos literários internacionais, sobretudo aqueles que tiveram o Brasil como país homenageado – a Feira do Livro de Frankfurt (2013) e o Salão do Livro de Paris (2015) –, vem reforçar a estratégia de conquista de uma maior visibilidade literária no exterior. Ainda desconhecidos do grande público na França, pode-se dizer que, ao menos no meio acadêmico e na mídia local daquele país, tais autores avançam na luta por legitimar o seu lugar no espaço literário mundial. A partir dos pressupostos de visibilidade literária em torno da língua e do espaço geocultural, e de questões de legitimação e luta pelo reconhecimento dentro do espaço literário pensados por Pascale Casanova, Franco Moretti e Axel Honneth, propomos uma discussão sobre o enigma da recepção da literatura brasileira contemporânea na França: que características unem ou diferenciam Luiz Ruffato, Tatiana Salém Levy, Paloma Vidal, Ferréz, Paulo Lins e Milton Hatoum, entre outros autores, todos recentemente publicados em francês e participantes de debates este ano no Salão do Livro de Paris e nas universidades Sorbonne Paris 3 e Paris 4? E o que, efetivamente, espera o leitor e a crítica francesa da literatura brasileira?

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Recepção. França. Salão do Livro de Paris.

Em seu já célebre – e polêmico – discurso de abertura da Feira do Livro de Frankfurt, em 2013, evento do qual o Brasil participou como convidado de honra, Luiz Ruffato chamava a atenção para a imagem paradoxal projetada pelo país no exterior. Segundo o escritor mineiro, “ora o Brasil surge como uma região exótica, de praias paradisíacas, florestas edênicas, carnaval, capoeira e futebol; ora como um lugar execrável, de violência urbana, exploração da prostituição infantil, desrespeito aos direitos humanos e desdém pela natureza” (RUFFATO, 2013). De fato, essa representação dual e diametralmente oposta do país parece alimentar há décadas o imaginário estrangeiro e reverberar nas escolhas do mercado literário, sobretudo na Europa.

Tomando-se a França como exemplo, uma revisão no histórico de publicações e na recepção naquele país de obras brasileiras em prosa ficcional traduzidas desde a segunda metade do século XX até os dias de hoje ratifica a declaração de Ruffato ao revelar a predominância de dois eixos temáticos evidentes que contribuíram para a perpetuação de estereótipos da cultura brasileira. O primeiro está embasado nos clichês do exotismo, do carnaval, da sensualidade e da cordialidade do brasileiro, em grande

parte impulsionados pela forte repercussão da obra de Jorge Amado em território francês<sup>1</sup>. Atualmente, há cerca de 400 traduções de escritores brasileiros disponíveis em francês (CHANDEIGNE apud LAPAQUE, 2015) e, no entanto, o autor mais lembrado pelos franceses quando se menciona a ficção produzida no Brasil é o do escritor baiano, já que foi e ainda é um dos maiores beneficiados com traduções para diversos idiomas, segundo dados da Fundação Biblioteca Nacional. O fascínio do mercado literário francês pelo Brasil exótico pode ser observado por meio da repercussão na mídia daquele país das obras de autores contemporâneos, tais como Milton Hatoum e Chico Buarque<sup>2</sup>, cuja ênfase na escolha da Amazônia como cenário, no caso do primeiro, e na imagem de cantor e compositor popular, carioca e amante do futebol, no caso do segundo, não deixa dúvidas quanto à intenção de reforçar estereótipos para atrair o leitor.

Já o segundo eixo temático começou a se delinear na década de 1990, com a repercussão das traduções de romances de Rubem Fonseca, Patrícia Melo e Paulo Lins: o do *brutalismo*, favela e violência urbana. Some-se a isso, o grande sucesso na Europa, em 2002, do filme “Cidade de Deus”, inspirado no romance homônimo de Lins. Aqui, o brasileiro cordial e alegre cede lugar aos assassinos frios e aos marginalizados pela sociedade contemporânea; e a Bahia mítica de festas e prazeres se transforma no “inferno provisório” dos centros urbanos e favelizados, de imensas desigualdades sociais. Entre os autores recentemente publicados na França que seguem a trilha aberta

---

<sup>1</sup> É curioso notar que foi pelo teor politicamente engajado de seus primeiros romances que o escritor baiano despertou o interesse de tradutores e editores nas décadas de 1930/40, sobretudo quando se exilou em Paris e passou a frequentar os círculos intelectuais e artísticos de esquerda (VEJMEJKA, 2014). No entanto, a projeção mundial de Amado, proporcionada pelas traduções francesas, consolida-se e repercute até os dias de hoje com a publicação de traduções das obras de cunho popular e sem o explícito engajamento político do autor, a partir de *Gabriela, cravo e canela*. Para Vejmelka, “é, portanto, a combinação do escritor lírico e político – e nesse sentido ‘popular’ – com o intelectual comunista que marca o posicionamento de Jorge Amado no campo brasileiro, articula a sua circulação internacional e vai determinar a sua entrada em outros campos literários nacionais”.

<sup>2</sup> Chico Buarque enfrenta um curioso dilema em relação à sua imagem pública nos mercados externos. Embora sua prosa aponte frequentemente para o estranhamento (*Estorvo*, 1991), o deslocamento e as reflexões sobre o fazer literário (*Budapeste*, 2003), além de crítica social (*Leite derramado*, 2009), o nome do autor em países como a França ainda está fortemente relacionado à figura do cantor e compositor de música popular, carioca e jogador de futebol amador. Em outras palavras, a todo instante, a mídia internacional tenta vender uma imagem estereotipada de Buarque, não obstante os caminhos nada exóticos pelos quais passeia a sua literatura.

pelo brutalismo estão Luiz Ruffato, que ambienta na cosmopolita e caótica Grande São Paulo seu romance mais célebre, *Eles eram muitos cavalos* (2001), um verdadeiro mosaico, nada convencional, de fragmentos de crítica social, reflexão e poesia, e aqueles da chamada literatura marginal ou de periferia, como Ferréz e Marcelino Freire.

### **Multiplicidade de vozes**

Entretanto, essa suposta dualidade da ficção brasileira se encontra na contramão do que críticos e pesquisadores do Brasil vêm discutindo nos últimos 20 anos. Trata-se de uma visão reducionista, na medida em que ignora e exclui a multiplicidade de temas e vozes de um país desde sempre marcado pela heterogeneidade, que, como aponta Beatriz Resende, “aparece como fator muito positivo, original, reativo diante das forças homogeneizadoras da globalização” (RESENDE, 2008, p. 20).

Nesse sentido, em um momento em que escritores, tradutores, agentes literários e editores se beneficiam de programas de incentivo às traduções e publicações da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), como parte de esforços sem precedentes no intuito de fazer circular e legitimar a literatura brasileira no exterior, é notável que uma mudança sutil, porém significativa, venha ocorrendo na abordagem da nossa ficção contemporânea enquanto “produto de exportação” nos últimos cinco anos. Já na edição de 2012 do ambicioso projeto da revista literária britânica *Granta*, intitulada “Os melhores jovens escritores brasileiros”, observava-se que a feição da prosa desses novos autores selecionados para viajar mundo afora se modificara: nem exotismo, nem brutalismo. O que desde então se vem atribuindo a essas ficções é o caráter cosmopolita, urbanizado e com marcas pouco visíveis ou mesmo totalmente ausentes de brasilidade. Bernardo Carvalho, Paloma Vidal, Daniel Galera, Carola Saavedra e Tatiana Salém Levy, entre tantos outros nomes da novíssima geração de ficcionistas brasileiros, mostram-se pouco interessados em enfatizar a cor local e, frequentemente, ambientam suas narrativas em terras estrangeiras, em “locais deslocados”, e enveredam por uma ficção de caráter mais universalista.

Investir em traduções de obras nacionais é, de fato, primordial na busca por leitores estrangeiros. Embora esteja entre as seis línguas mais faladas no mundo, o

português ainda está longe de ser reconhecido como uma “língua literária” pelos não falantes do idioma. O maior entrave atualmente talvez seja a persistência das relações de poder entre literaturas dominantes e dominadas, determinadas por um sistema de hierarquias de línguas do mundo, como afirma Pascale Casanova: “Em virtude do prestígio dos textos escritos em certas línguas, existem no universo literário línguas consideradas mais literárias que outras e que pretensamente encarnam a própria literatura” (2002, p. 33). Portanto, prossegue ela, existe um valor literário atrelado a certas línguas, como o francês e o inglês, “assim como efeitos propriamente literários, ligados sobretudo às traduções, que são irredutíveis ao capital propriamente linguístico ligado a uma língua, ao prestígio vinculado ao emprego de uma língua no universo escolar, político, econômico...” (p. 33).

### **O Brasil no Salão do Livro de Paris**

Portanto, é compreensível que os esforços do Ministério da Cultura (MinC) englobem não somente o investimento significativo em bolsas de tradução e programas de residência de tradutores, além de prêmios, mas também na presença ostensiva do país em feiras literárias. A mais recente delas foi o Salão do Livro de Paris, em março deste ano, um dos principais eventos literários do calendário internacional, que teve, pela segunda vez, o Brasil como convidado de honra. Logo, o momento parece propício para uma reflexão acerca da recepção, da visibilidade e da busca por legitimação da literatura brasileira na França.

De saída, ao observarmos o material de divulgação do Salão do Livro, constatamos uma novidade: a imagem que se pretende vender do universo literário brasileiro é o da diversidade. O *slogan* – para usarmos um termo próprio do meio publicitário – escolhido para esta edição define o Brasil como “um país cheio de vozes” (*Brésil, un pays plein des voix*). Diz o texto de apresentação do evento em sua página na internet:

Em 2015, o Brasil será o convidado de honra do Salão do Livro de Paris, ocasião para mostrar ao público francês a diversidade da cultura e a universalidade da literatura brasileira. Uma delegação de

48 autores estará presente em Paris de 20 a 23 de março próximos, refletindo a riqueza da produção intelectual contemporânea do país. (SALON DU LIVRE DE PARIS 2015)<sup>3</sup>

Ora, pode parecer que tal discurso é meramente publicitário, porém, ele reflete muito do que a curadoria do evento, presidida por dois professores universitários brasileiros, Guiomar de Grammont e Leonardo Tonus, vem disseminando nos últimos anos na França, por intermédio de colóquios e conversas com escritores nas universidades francesas e nas edições anteriores do Salão do Livro. A lista de 48 autores convidados privilegiou aqueles (42 deles) já traduzidos para o francês, assim como os ficcionistas: foram, ao todo, 31 autores de ficção, dois dramaturgos e apenas três poetas. A curadoria ressaltou ainda que o critério de escolha dos escritores convidados “levou em consideração obras que mostrassem a diversidade étnica e cultural, e que garantissem a participação de diferentes regiões do país” (MELLO, 2015).

A França é, atualmente, o terceiro país que mais tem se beneficiado com os programas de apoio à tradução da FBN. O número de livros brasileiros publicados vem crescendo e, nos últimos quatro anos, foram 80, sendo que 42 somente em 2014 (TORRES, 2015). A condição de país homenageado no Salão do Livro de Paris deste ano sem dúvida rendeu ao Brasil um impulso no número de traduções, já que, além das bolsas concedidas do governo brasileiro, também o governo francês, por meio do Centre National du Livre (CNL) subsidiou 75% da tradução de obras brasileiras para o francês. Entre os lançamentos disponíveis no evento e em destaque nas vitrines das livrarias francesas, estão as traduções de *Desde que o samba é samba* (*Depuis que la samba est samba*, Asphalte), de Paulo Lins; *Barba ensopada de sangue* (*La barbe ensanglantée*, Gallimard), de Daniel Galera; *O drible* (*Dibble*, Seuil), de Sérgio Rodrigues; *Reprodução* (*Reproduction*, Métailié), de Bernardo Carvalho; *A história de Poncia* (*L’histoire de Poncia*, Anacaona), de Conceição Evaristo; *Fim* (*Fin*, Gallimard), de

---

<sup>3</sup> En 2015, le Brésil sera l’invité d’honneur du Salon du livre de Paris, l’occasion de montrer au public français la diversité de la culture et l’universalité de la littérature brésilienne. Une délégation de 48 auteurs sera présente à Paris du 20 au 23 mars prochain, reflétant la richesse de la production intellectuelle contemporaine du pays (tradução minha).

Fernanda Torres, e uma coletânea de textos de 25 autores, organizada por Luiz Ruffato especialmente para o Salão do Livro, intitulada *Brésil 25* (Métailié).

## Recepção e visibilidade

Um olhar mais apurado sobre a repercussão do evento na mídia francesa – um dos termômetros de avaliação da visibilidade da nossa ficção no exterior – demonstra que o direcionamento adotado pela divulgação para a ideia de diversidade surtiu algum efeito. Enquanto em 2005, por ocasião do Ano do Brasil na França, o enfoque da mídia foi majoritariamente nos estereótipos brasileiros perpetuados há décadas, agora, dez anos depois, a *Magazine Littéraire*, revista sobre literatura de maior circulação no país, a rádio estatal *France Inter*, e os jornais *La Croix* e *La Nouvelle Quinzaine Littéraire* destacaram a variedade literária do Brasil em extensas reportagens nas quais apresentam vários dos autores participantes do Salão e a pluralidade de temas abordados em nossa ficção.

No entanto, uma parcela significativa dos jornais, revistas e *blogs* franceses optou por enfatizar apenas uma das feições da ficção brasileira, em geral aquela que se volta para a favela, a violência urbana e as desigualdades sociais, ressaltando o caráter de uma literatura de país periférico<sup>4</sup>. É o caso do suplemento literário *Le Monde des Livres*, do jornal *Le Monde*, que, além de vendido normalmente nas bancas, foi distribuído gratuitamente aos 180 mil visitantes do Salão do Livro. A edição especial trazia na capa o sugestivo título: “O Brasil se lê cru. Em sua literatura, o país convidado

---

<sup>4</sup> O fascínio pela pobreza e violência urbana brasileiras não se restringe à mídia na França: na tese de doutorado em Geografia *Imagens e estereótipos do Brasil nos livros didáticos franceses* (UFU, 2013), Leonardo Moreira Ulhôa constata que, ao apresentarem o Brasil aos estudantes franceses, os livros didáticos daquele país enfatizam os problemas característicos de uma nação periférica e de desenvolvimento tardio, tais como mendicância, urbanização sem controle e delinquência, o que, segundo o pesquisador, forma uma construção simbólica a partir de um discurso único e pejorativo sobre a realidade do país. Ulhôa ressalta que as favelas aparecem sempre como lugares pestilentos, com esgoto a céu aberto, propícios às epidemias. “Alimentadas, então, pelos aspectos excludentes e pejorativos, as imagens do Brasil cada vez mais parecem confirmar a sistematização de um pensamento eurocêntrico, uma vez que, constituídas pelas insuficiências das formas de vida, nos tratam como uma sociedade atrasada ou periférica” (PAIVA, 2015).

para o Salão do Livro agora enfrenta as realidades mais brutais”<sup>5</sup> (BOURCIER, 2015, p. 1). A foto de um menino brincando em uma favela do Rio de Janeiro ilustra a matéria, que chama atenção para as “brutalidades passadas e presentes”, tais como os massacres coloniais, a escravidão, a ditadura e as violências sociais e econômicas como o “terreno onde se nutre uma nova geração de escritores” (p. 2). Os autores citados e entrevistados são Daniel Galera, Bosco Brasil, Paulo Lins, Férrez, Sérgio Rodrigues, Godofredo de Oliveira Neto e Luiz Ruffato.

A imagem de favelas do Rio de Janeiro, aliás, é predominante na maior parte das matérias publicadas sobre a literatura brasileira. O jornal *20 Minutes* não se furta, ainda, a fazer referência ao romance e ao filme *Cidade de Deus* e apontá-lo como o fundador de um gênero: a “literatura de favelas”. “Salão do Livro: no Brasil, a literatura de favelas, em plena ascensão depois do choque de *Cidade de Deus*” (LAURENT, 2015), diz o título da reportagem, que traça um perfil da pequena editora Anacaona, especializada em literatura marginal e periférica brasileira.

Já o *Le Figaro Littéraire*, suplemento do jornal de grande circulação *Le Figaro*, optou por reforçar a ideia do Brasil exótico ao estampar uma foto de uma baiana no Pelourinho, abaixo da chamada “Brasil: uma literatura luxuriante” (LAPAGE, 2015, p. 2). Ainda que o texto da reportagem não insista em tais estereótipos e contradiga o apelo inicial ao abordar a literatura de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e diversos contemporâneos, é inegável que o editor do caderno procurou chamar a atenção do leitor com velhos clichês.

### Eventos literários em questão

Mas, o que se festeja nas festas literárias?, indaga Suzana Vargas em artigo no jornal *O Globo* sobre os eventos que se multiplicam pelo Brasil. Ao questionar se feiras literárias ajudam a formar leitores em um país com grande número de analfabetos funcionais, ela conclui que:

---

<sup>5</sup> *Par sa littérature, le pays invité au Salon du Livre affronte désormais les réalités les plus brutales* (tradução minha).

Na verdade, feiras e eventos cumprem essa missão de popularizar o objeto livro, divulgar alguns nomes da produção literária nacional e internacional, mas são (...) eventuais. E nessa afirmação não vai nenhuma crítica. São importantes? Sem dúvida! Num mundo em que a propaganda virou a alma de tudo, são essenciais. Mas não formam leitores por mais longos, bem estruturados ou completos que sejam” (VARGAS, 2015).

Se as feiras literárias não ajudam a formar leitores, certamente desempenham um papel importante na conquista de uma maior visibilidade para os escritores que delas participam, seja lançando e autografando seus livros, seja participando de mesas de debates durante o evento. E visibilidade conquistada, interna e externamente, parece ser o pano de fundo da questão (MAGRI, 2014), quando se trata da presença, sobretudo como país convidado de honra, nos grandes eventos literários: ser visto e reconhecido por crítica, mídia e leitores em geral pressupõe a passagem por um poderoso filtro de legitimação, ainda que a qualidade das obras nem sempre seja um critério nesse processo.

Para Carmen Villarino Pardo, as feiras internacionais do livro funcionam, em certo modo, como uma metáfora do campo editorial de uma nação em nível mundial:

Espaço de lutas de poder para atingir posições de maior centralidade, num cenário de ampla repercussão internacional, para escritores, tradutores e agentes literários e para as instituições que representam um país (sejam elas representações dos Ministérios da Cultura e de Exteriores, das câmaras do livro, sindicatos editoriais, consórcios, etc) (PARDO, 2014, p. 135).

A ensaísta acredita que a multiplicação dessas feiras é também “um sinal da estruturação do mercado mundial de tradução”, no que concorda com Gisèle Sapiro, “de tal modo, que o diferente teor delas as converte em centrais para o funcionamento de determinados campos, como acontece atualmente com a de Frankfurt para o campo editorial” (PARDO, 2014, p. 135). E conclui que as feiras funcionam como termômetro não apenas para medir o estado dos campos editorial, literário e cultural de um país, mas também o do campo do poder político e econômico. Daí que podemos entender esse tipo de feiras “também como espaços de uma nova diplomacia, a de tipo cultural, e de

ações de *soft power* ('poder brando') para os diferentes sistemas literários nelas apresentados, em geral, por países e editoras" (p. 136).

Por esse viés, parece-nos evidente que o objetivo do MinC, de editores, tradutores e autores brasileiros não é meramente o de exportar comercialmente a nossa literatura e obter altos índices de vendas, mas o de participar de um diálogo internacional, já vislumbrado por Oswald de Andrade no Manifesto da Poesia Pau-Brasil, e amplamente discutido por Pascale Casanova e Franco Moretti. Este último retoma o termo cunhado por Goethe (*Weltliteratur* ou "literatura mundial") para lembrar que "a literatura à nossa volta é inequivocamente um sistema planetário", embora participe de um sistema capitalista "simultaneamente uno e desigual: com um centro e uma periferia (e uma semiperiferia) vinculados num relacionamento de crescente desigualdade" (MORETTI, p. 174-175), já que a cultura do "centro" frequentemente ignora completamente a cultura dos países periféricos.

Nesse ponto, retomemos o discurso de Luiz Ruffato na Feira de Frankfurt. Após indagar o que significa ser escritor em um país situado na periferia do mundo, ele sublinha as desvantagens de escrever em português e viver "num território chamado Brasil". E prossegue reivindicando um reconhecimento externo da singularidade da cultura brasileira:

Fala-se em globalização, mas as fronteiras caíram para as mercadorias, não para o trânsito das pessoas. Proclamar nossa singularidade é uma forma de resistir à tentativa autoritária de aplainar as diferenças. O maior dilema do ser humano em todos os tempos tem sido exatamente esse, o de lidar com a dicotomia eu-outro. Porque, embora a afirmação de nossa subjetividade se verifique através do reconhecimento do outro – é a alteridade que nos confere o sentido de existir –, o outro é também aquele que pode nos aniquilar. E se a Humanidade se edifica neste movimento pendular entre agregação e dispersão, a história do Brasil vem sendo alicerçada quase que exclusivamente na negação explícita do outro, por meio da violência e da indiferença (RUFFATO, 2013).

O discurso de Ruffato encontra ressonância no que Axel Honneth (2009) denomina de luta pelo reconhecimento. Para o filósofo alemão, os indivíduos e grupos só são reconhecidos quando aceitos nas relações com o próximo (*amor*), na prática institucional (*justiça/direito*) e na convivência em comunidade (*solidariedade*).

Portanto, a ausência de reconhecimento intersubjetivo e social, por meio do abandono, da injustiça e do menosprezo, seria o ponto de partida – ou a “gramática moral” – dos conflitos sociais, segundo Honneth.

Assim, a luta por reconhecimento e legitimação de países periféricos e semiperiféricos como o Brasil nesse sistema-mundo literário é um processo árduo e lento, que poderá – ou não – adquirir contornos concretos nos próximos anos, a depender, em certa medida, da continuidade das políticas culturais do governo brasileiro no sentido de difundir a nossa literatura no exterior. Porém, aqui cabe uma consideração: o desafio que se interpõe no momento para o Brasil na França, para além da circulação nos meios editoriais e literários, é o da quebra de ideias preconcebidas pela recepção daquele país. Que o reconhecimento e a visibilidade da nossa literatura de fato passem pela multiplicidade de vozes, temas e narrativas, tão característica da ficção brasileira, e superem a perpetuação de imagens estereotipadas do país.

### Referências

BOURCIER, Nicolas. “Le Brésil se lit cru: par sa littérature, le pays invité au Salon du Livre affronte désormais les réalités les plus brutales”. *Le Monde des Livres*. 20 mar. 2015, p. 1-2.

CASANOVA, Pascale. *República mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

GRANTA. *Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

LAPAQUE, Sébastien. “Michel Chandeigne: ‘Aujourd’hui, il n’y a pas de figure emblématique’”. *Le Figaro Littéraire*, 2015, p. 3.

LAURENT, Annabelle. “Salon du Livre: la littérature brésilienne en six auteurs incontournables”. *20 Minutes*. Culture, 19 mar. 2015. Disponível em: <http://www.20minutes.fr/culture/1565851-20150319-salon-livre-litterature-bresilienne-six-auteurs-incontournables>. Acesso em 30 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. “Salon du Livre: au Brésil, la littérature de favelas en plein essor depuis le choc de La Cité de Dieu”. *20 Minutes*. Culture, 19 mar. 2015. Disponível em: <http://www.20minutes.fr/culture/1564475-20150319-salon-livre-bresil-litterature-favelas-plein-essor-depuis-choc-cite-dieu>. Acesso em 30 mar. 2015.

MAGRI, Ieda. “Existe literatura brasileira fora do Brasil?” In: *Miradas a la narrativa contemporânea latino-americana*. Costa Rica: 2014. Jalla – Jornadas andinas de literatura latino-americana. Disponível em: <http://www.jallacostarica2014.una.ac.cr/index.php/repository/func-startdown/22/>. Acesso em 5 jun. 2015.

MELLO, Marcelo. “Au Brésil, une forêt d’écrivains”. *Le Magazine Littéraire*, nº 553, março 2015, p. 18. Disponível em: <http://www.magazine-litteraire.com/mensuel/553/au-bresil-foret-ecrivains-01-03-2015-135168>. Acesso em 3 abr. 2015.

MORETTI, Franco. “Conjeturas sobre a literatura mundial”. In: SADER, Emir (org.). *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Trad. de Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 45-64.

PAIVA, Thais. O Brasil pelos franceses. *Carta na Escola*, nº 97, jun. 2015. Disponível em <http://www.cartanaescola.com.br/single/show/528>. Acesso em 27 jun. 2015.

PARDO, Carmen Villarino. “As feiras internacionais do livro como espaço de diplomacia cultural”. *BRAZIL – Revista de Literatura Brasileira*. Brown University

(EUA), ano 27, nº 50, 2014, p.134-154.

RESENDE, Beatriz. “A literatura brasileira na era da multiplicidade”. In: \_\_\_\_\_. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

RUFFATO, Luiz (org.). *Brésil: 2000-2015*. Paris: Métailié, 2015.

\_\_\_\_\_. Discurso de abertura da Feira do Livro de Frankfurt 2013. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>. Acesso em 30 mai. 2015.

SALON DU LIVRE DE PARIS 2015. Pays à l’honneur: le Brésil. Disponível em: <http://www.salondulivreparis.com/Bresil-2015.htm> Acesso em 30 mar. 2015.

SAPIRO, Gisèle. *Translatio: le marché de la traduction en France à l’heure de la mondialisation*. Paris: CNRS, 2008.

TORRES, Bolívar. “Mesmo sem apoio, editoras francesas apostam em autores brasileiros clássicos e contemporâneos”. *O Globo*, Cultura, 4 abr. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/mesmo-sem-apoio-editoras-francesas-apostam-em-autores-brasileiros-classicos-contemporaneos-15766728#ixzz3WMFeYOqE>. Acesso em 8 abr. 2015.

VARGAS, Suzana. “O que se festeja nas festas literárias?”. *O Globo*, Livros, 4 abr. 2015. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932>. Acesso em 10 mai. 2015.

VEJMELKA, Marcel. “Entre o exótico e o político: características da recepção e tradução de Jorge Amado na Alemanha”. *Amerika*, nº 10 / 2014. Disponível em: <http://amerika.revues.org/4522>. Acesso em 22 jun. 2015.